

An illustration of a drum and several drumsticks. The drum is green and yellow with metal bands. The drumsticks are light brown and are scattered in the air above the drum. The background is a light blue sky with white clouds.

O TAMBOR É QUE MANDA

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou

23 de Outubro
Dia das Nações Unidas

Este tambor, mal nasceu, foi logo para o serviço militar.

Acabar de ser feito, de pele nova e madeira pintada de fresco, e, logo de seguida, assentar praça, à frente dos recrutas, não é destino que se inveje.

À frente dos recrutas e a comandá-los:

– Esquerdo, direito, um, dois... Esquerdo, direito, um, dois... Toca a marchar, seus bimbos, sempre à voz do tambor - gritava o sargento para os atarantados taratas.

Também eles tinham acabado de chegar ao quartel. Vinham do campo, vinham das oficinas, vinham das praias de pescadores, e desde que se sabiam gente que se equilibravam nas duas pernas, uma à frente da outra, a andar ou a correr. Mas marchar, às ordens de um tambor, custava mais.

– Acertem o passo pelo tambor, seus azelhas – gritava o sargento. – Esquerdo, direito, um, dois... Esquerdo, direito, um, dois...

O tambor comandava o melhor que podia. Sempre certinho, que uma só desafinação e aí que se desmanchava um batalhão inteiro.

– Com mais genica, seu tambor – gritava o sargento.

E o tambor-mor dava-lhe com força:

– Rataplã-plã-plã! Rataplã-plã-plã!

O sargento ameaçava:

– Quando chegarmos à guerra, sempre quero ver como é que se portam!

Aquilo não era a brincar. Estavam a preparar soldados para coisa mais séria. Uma guerra de verdade.

O tambor também foi chamado. Era um tempo em que os exercícios avançavam para o campo de batalha ao som dos tambores. Na mais infernal mistura de ruídos, toques de cornetim, troar de canhões, silvar de balas, gritos e gemidos, o bater compassado dos tambores nunca abandonava os combatentes.

Os soldados marchavam em linha, de armas apontadas. À frente deles, o tambor, marcando o passo do avanço.

Podiam os generais ficar lá atrás, a ver a batalha por um binóculo. Quem comandava as tropas era o tambor.

O que ele sentia, as desgraças que via, não conseguia descrevê-las. Pois se a única coisa que ele tinha aprendido a dizer era:

– Rataplã-plã-plã! Rataplã-plã-plã!

Até que, um dia, calou-se. Houve tréguas. Combinou-se a paz.

Calou-se ele e calaram-se os canhões. Até que enfim.

Até que enfim ia descansar. Soldado toda a vida, com tanta responsabilidade em cima, também cansa. Merecia sossegar. Merecia o silêncio. Merecia a sua paz.

Mas não o deixaram.

Os que tinham sobrevivido aos horrores da guerra juntaram-se em marcha de alegria pelas ruas, cheias de gente, que os aclamavam e lhe lançavam flores.

Voltaram a troar os canhões, mas agora só com pólvora seca. Os sinos badalaram em todas as terras.

À frente da marcha, o tambor descobria uma maneira nova de dizer que aquele era o dia mais feliz da sua vida:

– Rataplã-rataplã-rataplã! Plã-rataplã! Plã-rataplã!...
Rataplã-rataplã-rataplã! Plã-rataplã! Plã-rataplã!...
Rataplã- rataplã-rataplã!

E nunca mais quis tocar outra música.

FIM